

CONTRIBUIÇÕES DO MONTANHISMO PARA A EDUCAÇÃO AMBIENTAL

Guilherme Menezes Betiollo*
Suzana Schuch Santos**

Resumo Abstract

O séc. XXI traz novas perspectivas à sociedade e às suas expressões sociais, dentre elas o esporte. O lazer, gradualmente, passa a ser visto como algo importante, e as atividades junto à natureza surgem como uma nova dimensão social para o esporte deste século. Estas atividades promovem uma reaproximação do homem com a natureza, resgatando valores como liberdade, cooperação e solidariedade. Acreditando na importância da educação ambiental para um desenvolvimento sustentável e na contribuição das atividades na natureza – no contexto

The century XXI brings new perspectives for the society and its social expressions, amongst them the sport. Leisure passes to be seen, gradually, as something important and the activities with the nature appear as a new social dimension for the sport of this century. These activities promote an approach of the man with the nature, rescuing values as freedom, cooperation and solidarity. Believing the importance of the environmental education for the one sustainable development and the contribution of the activities in the nature – in sporting context – for this

esportivo – para este fim, este trabalho verificou, em montanhistas, a existência e a modificação de atitudes, comportamentos e valores que contribuem para o educar ambientalmente. Foi realizado um estudo de caso com um grupo de pesquisa composto por 6 montanhistas, e os instrumentos utilizados foram a observação, memoriais descritivos e entrevista. Após a análise dos dados, verificou-se que existe uma significativa aproximação entre a prática do montanhismo e as aprendizagens relativas à educação ambiental.

Palavras-chave: atividade na natureza, educação ambiental, esporte.

end, this work verified, in mountaineers, the existence and the modification of attitudes, behaviors and values that contribute to environmental education. A study of case with a group of research compounded for six mountaineers was carried and the instruments for collection of data had been the observation, description of the memory and interview. After the analysis of data was verified that there is a significant approach between practical of the mountaineering with learning about the environmental education.

Key words: activity in the nature, environmental education, sport.

Introdução

A sociedade atual está em constante transformação, a troca de informações é ininterrupta, o crescimento técnico-científico não pára e a todo instante novas descobertas são feitas. O século XXI traz novas perspectivas ao mundo globalizado e as suas expressões sociais, dentre elas o esporte. O lazer, gradualmente, passa a ser visto como algo importante na sociedade, e as práticas esportivas junto à natureza surgem como uma nova dimensão social para o esporte deste século (Tubino, 2001). Rafting, trekking, montanhismo, canoagem, rapel, mountain bike, orientação e tantas outras modalidades de atividades na natureza surgem para agradar e satisfazer aos mais diversos públicos. No

entanto, o rápido crescimento das atividades na natureza como forma de lazer e campo de trabalho não vem sendo acompanhado, proporcionalmente, por estudos na área. Ainda são poucas as produções envolvendo este tema frente às potencialidades que estas atividades apresentam, fazendo-se urgente o seu desenvolvimento também dentro do meio acadêmico. Estas atividades promovem uma reaproximação do homem com a natureza e, segundo Costa (2000, p.26), "...resgata valores de beleza, auto-realização, liberdade, cooperação e solidariedade, valores omitidos pelas práticas mecanizadas do esporte-espetáculo...".

Além deste resgate de valores, a prática das atividades junto ao meio natural surge como um

poderoso instrumento pedagógico, pois suas características notadamente lúdicas, de prática esportiva e de contato com a natureza podem - e devem - ser utilizadas por todos os educadores para o desenvolvimento da ecopedagogia, defendida por Gutiérrez (2000). A ecopedagogia nos levaria a desenvolver uma cidadania planetária, em que todos passaríamos a buscar o fim de desigualdades sociais, econômicas e ambientais. Sim, porque embora seja um erro muito comum, não podemos ter nosso pensamento reduzido apenas aos problemas de meio ambiente quando falamos em "eco" alguma coisa, pois justiça social e ambiental são faces da mesma moeda (Lutzemberger, 1990).

A educação ambiental trabalha com as duas faces da moeda de que fala Lutzemberger. Alicerça sua prática em uma abordagem multidisciplinar que engloba questões sociais, ambientais, econômicas, culturais, científicas, políticas e éticas, desenvolvendo, nos cidadãos, atitudes, comportamentos e valores condizentes com uma ética ecológica e não antropocêntrica. Com este intuito, estratégias pedagógicas que se utilizem de vivências são importantes formas de atuação

para educação ambiental, pois o impacto emocional contido nas mesmas desperta nas pessoas um sentimento de vínculo com o espaço, com o ambiente.

Procurando aproximar a prática de atividades na natureza a um trabalho de educação ambiental que busque um desenvolvimento sustentável e a melhoria da qualidade de vida da população, este estudo apresenta o montanhismo como foco de análise. Inicialmente as atividades realizadas junto ao meio natural são caracterizadas, destacando-se o contexto que envolve o crescimento das mesmas, seus benefícios e suas potencialidades de utilização com objetivos diversos. Após, são abordadas as bases teóricas que norteiam as atividades de educação ambiental. A seguir é descrito o processo de investigação realizado com praticantes de montanhismo e apresentadas as contribuições proporcionadas por esta prática de atividade esportiva na natureza para a educação ambiental.

1 As atividades na natureza¹

A atividade na natureza que nos referimos neste estudo é aquela que se desenvolve, funda-

mentalmente, "...em um meio não habitado e pouco modificado pela mão do homem, ainda que às vezes, e sobre tudo durante a aprendizagem de algumas técnicas, se utilizem espaços totalmente artificiais"(Funollet, 1989, p. 2). O prazer, o contato com a natureza, a diversão, a emoção, a aventura, a não distinção de sexo ou idade, o risco e a incerteza são características das atividades junto ao meio natural.

As atividades na natureza surgem como um conjunto de práticas recreativas a partir da década de 70, desenvolvendo-se e espalhando-se na década seguinte e consolidando-se nos dias atuais. Isto porque, a partir da década de sessenta, passam a ocorrer diversas mudanças culturais, tecnológicas e ideológicas na sociedade, e este novo período, chamado de pós-modernidade, traz consigo novos valores, paradigmas e conceitos (Betrán e Betrán, 1995). O esporte, como um elemento representativo da sociedade, acompanha estas mudanças, através das chamadas práticas cor-

porais alternativas que se desenvolvem em consonância com as novas perspectivas sociais, onde o tempo de ócio ativo passa a ter papel de destaque. É neste contexto que se afirmam, na atualidade, as atividades na natureza.

1.1 Contexto atual e potencialidades educativas

Após um processo que Grün (1996) chama de "ecologização²" da sociedade, a problemática ambiental passa, em diferentes escalas, a ser de domínio público, e todo e qualquer assunto ligado à temática ambiental, como programas de televisão, documentários, reportagens, livros, revistas, etc, desperta interesse na população em geral. A preocupação com o tempo livre, com atividades de lazer, cresce na sociedade pós-moderna e, aliada à ecologização da sociedade, ocasiona o desenvolvimento do turismo ecológico, também conhecido como ecoturismo³. As atividades na natureza passam a ser oferecidas como atrativos em programas ecoturísticos, mas não ficam restri-

tas aos mesmos e desenvolvem-se também independentemente, passando a ser praticadas por um número crescente de pessoas.

As competições esportivas envolvendo as atividades na natureza passam a movimentar diferentes segmentos sociais e a atrair a atenção da mídia. Surgem inúmeros os eventos, entre eles, de rally, rafting, montanhismo, páraquedismo, asa delta, vela, surf e corridas de aventura, englobando diversas modalidades de atividades no meio natural.

Referindo-se às potencialidades das atividades na natureza, no âmbito educacional, Pueyo (1989) comenta sobre alguns valores educativos inerentes a estas atividades, dos quais destacamos a riqueza de estímulos, a variedade do entorno e a educação para toda a vida.

O primeiro valor diz respeito à riqueza de estímulos apresentados por estas práticas, decorrentes das incertezas provenientes do meio que acompanham suas realizações. Esta riqueza de estímulos é muito superior às realizadas em um ambiente antropizado, propiciando um maior desenvolvimento da percepção como um todo, dos mecanismos envolvidos no processo de tomada de decisão e da execução de ações propriamente ditas, tão importantes no mundo atual, marcado por

incertezas e riscos crescentes, onde o ser humano é desafiado a se construir ancorando a segurança nele mesmo (Costa, 2000).

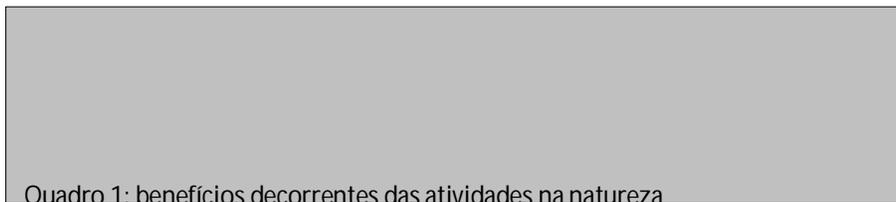
Outro aspecto refere-se à variedade no entorno. A educação pensada na complexidade do momento atual não pode ficar restrita à escola e à família. Deve ampliar e diversificar as aprendizagens através de vivências, englobando a arte, a cultura, a amizade, a natureza, a vida, a interdependência entre os seres vivos, o amor, entre outros. É por intermédio do vivido que adquirimos conhecimentos e aprendemos a dar sentido e valor às coisas e à vida. E como apreciar e respeitar algo que desconhecemos, que não “faz sentido” na nossa existência? O conhecimento que nos referimos aqui possui como elemento central a afetividade, a sensibilização, e não a frieza e a insensibilidade presentes no mundo mecanicista e individualista. É a emotividade e os sentimentos que nos levam a um processo de construção pessoal de atitudes e valores de respeito para com o meio e com os outros seres. A reaproximação do homem com a natureza e a mudança de percepção da relação ser humano/meio ambiente também são promovidas por nossas vivências.

Como último valor no processo de formação estaria a educação para a vida, com a formação de

hábitos de respeito e valorização da natureza, dos seres humanos e do necessário equilíbrio entre todos os seres vivos. É a superação da atitude de dominação e “controle” do ser humano sobre a natureza, em prol de uma nova consciência, caracterizada por uma visão sistêmica na qual o respeito e a conservação do equilíbrio do meio ambiente natural se constitui uma abordagem educativa irrenunciável, que pode

ser pedagogicamente desenvolvida na própria natureza.

Miranda, Lacasa e Muro (1995) apresentam vários benefícios decorrentes das atividades na natureza organizadas em 4 categorias, conforme quadro 1. Neste estudo, reconhecemos as categorias apontadas e destacamos a dinamicidade com que eles acontecem, influenciando o processo de desenvolvimento humano.



Quadro 1: benefícios decorrentes das atividades na natureza

1.2 Montanhismo: uma breve caracterização

O montanhismo caracteriza-se, de maneira geral, por ser uma atividade realizada junto ao meio natural onde o praticante procura ascender montanhas caminhando ou escalando. Alves(2002) afirma que o principal objetivo do praticante do montanhismo é atingir o topo, também chamado de cume, e que a natureza é o grande adversário de seus praticantes. No entanto, existem diversas modalidades de montanhismo, com características e objetivos variados, onde nem sem-

pre o principal desafio é a natureza e a meta seja alcançar o cume. Com o crescimento das atividades na natureza é cada vez maior o número de praticantes de montanhismo, que procuram esta atividade com as mais variadas perspectivas e intenções, como contato com a natureza, prática esportiva, socialização, dentre outras.

1.2.1 Modalidades

Conforme o terreno em que é praticado e as técnicas utilizadas, o montanhismo é classificado em diferentes modalidades. Embora

neste estudo iremos focalizar a escalada em rocha, apresentamos um resumo das modalidades existentes

no montanhismo através do organograma 1, adaptado de Resende Jr.(1999).



Em terreno rochoso podemos classificar a escalada em livre, artificial e mista. A escalada em livre é feita aproveitando-se as feições da rocha como apoio para mãos e pés, e é subdividida em esportiva, tradicional e extrema. Esportiva⁴ é a escalada de lances de elevado grau de dificuldade, em paredes

menores de 50 metros, cujo principal objetivo é ultrapassar o lance mais difícil da via⁵. A escalada tradicional é praticada em vias de mais de 50 metros e complexas. E a livre extrema é a realizada em locais com elevada dificuldade. Já a escalada artificial é a ascensão realizada com a utilização de equipamentos auxi-

liares para progredir. A mista, como o próprio nome diz, utiliza-se de ambas as técnicas, e divide-se em clássica – vias de baixa complexidade e mais de 50 metros – e grandes paredes – vias que chegam a 800 metros e onde a escalada pode durar vários dias.

A ascensão às montanhas pode ser realizada também em terrenos gelados, que são aquelas realizadas exclusivamente no gelo, ou mistos, onde há a presença de rocha e gelo em uma mesma via. A escalada mista divide-se em alpina – paredes com gelo e rocha de mais de 50 metros – e alta montanha – altitudes elevadas e condições climáticas extremas.

1.2.2 Princípios éticos

Ao contrário de esportes tradicionais já institucionalizados como futebol, basquete e vôlei, que possuem regras bem definidas para sua prática, o montanhismo não possui normas oficiais que o regulem. Talvez por ser uma atividade relativamente nova, abarcar diversas modalidades e ser realizada em um ambiente natural e não controlado. Ape-

sar disto, existem algumas normas e considerações éticas quanto a sua prática que, mesmo não sendo essenciais para sua realização, é de conhecimento da maioria dos montanhistas e costumam ser seguidas.

Atualmente algumas normas são aceitas na maioria dos centros de montanhismo do mundo:

- a) as primeiras ascensões não devem ser feitas com a colocação de costuras⁶ fixas nem reconhecimento do local por rapel⁷. Aceita-se um mínimo de limpeza da vegetação e retirada de pedras por questões de segurança;
- b) esculpir apoios e fixar agarras em ambientes naturais são inadmissíveis;
- c) as proteções fixas devem limitar-se ao mínimo necessário e são reprováveis ao lado de fendas na rocha;
- d) a utilização de carbonato de magnésio⁸ deve restringir-se ao mínimo por questões de preservação da rocha.

O Congresso Paranaense de Montanhismo, realizado em 1994, aprovou um código de ética de escalada esportiva em grandes

paredes, onde constam os seguintes itens:

- a) sempre que possível os pontos de rapel devem ser comuns a várias vias;
- b) nenhuma escalada deve transgredir as leis de proteção ambiental;
- c) todo escalador é responsável pelo seu material e lixo;
- d) todo escalador tem a obrigação de divulgar e conscientizar a proteção ao meio ambiente;
- e) todo escalador deve utilizar sua liberdade, usufruindo seu espaço e respeitando o próximo
- f) todo escalador tem obrigação de prestar auxílio em caso de eminente perigo.

Trata-se de um código de ética aprovado apenas no estado do Paraná, porém ele é conhecido por muitos montanhistas de outros estados. Percebe-se, nos itens citados, uma preocupação com o meio ambiente, com a preservação do ambiente natural e com a segurança dos praticantes, além do respeito às suas individualidades e ao bem-estar de todos.

1.3 Preservação ambiental integrada às atividades na natureza

Quando falamos de problemas ambientais imediatamente

pensamos nos grandes problemas causados por atividades industriais. Nos esquecemos daqueles de menor porte, mas nem por isto menos significativos, causados por atividades menos impactantes como as praticadas na natureza, e que tendem a crescer com a massificação cada vez maior destas atividades. (Castillo, Fajardo e Funollet, 1995). Além de procurar evitar esta massificação das atividades na natureza, devemos minimizar os impactos negativos que estas causam e ainda, se possível, transformá-los em positivos. Estes seriam frutos do planejamento, provavelmente interdisciplinar, de um conjunto de ações e atividades interrelacionadas, cuja valoração final seria positiva.

Os impactos negativos podem ser classificados em diretos e indiretos. Como exemplos de impactos diretos temos a acumulação de lixo e a erosão do solo; e dos indiretos, a contaminação, a alteração da paisagem e o aumento de acessos aos locais das atividades e de equipamentos. Sobre os primeiros incidiriam maiores possibilidades de atuação educativa imediata, pois são impactos que dependem diretamente de nossas ações e comportamentos durante a prática das atividades na natureza. Sobre os impactos indiretos, existem menores possibilidades, no entanto, podemos tentar minimizá-los, evitando pro-

duto de fabricantes que poluam o ambiente ou equipamentos que não respeitem a paisagem, por exemplo.

O Ministério do Meio Ambiente brasileiro, visando minimizar os impactos relacionados às atividades na natureza, apoiou a elaboração de uma cartilha chamada *Conduta consciente em ambientes naturais*. Esta é composta por oito princípios que estão sendo adotados por pessoas do mundo inteiro, no intuito de evitar a poluição e a destruição das áreas freqüentadas, proteger o meio ambiente e evitar acidentes. São eles:

- 1º planejamento é fundamental;
- 2º você é responsável por sua segurança;
- 3º cuide das trilhas e locais de acampamento;
- 4º traga seu lixo de volta;
- 5º deixe cada coisa em seu lugar;
- 6º não faça fogueiras;
- 7º respeite os animais e as plantas;
- 8º seja cortês com outros visitantes e com a população local.

As preocupações relativas à minimização de impactos são pertinentes e proliferam, pois segundo Costa (2000), nem sempre os prati-

cantes de atividades na natureza apresentam uma maior preocupação com a preservação ambiental, apesar dos mesmos dependerem da mesma para suas atividades e serem gradualmente seduzidos pela natureza, por suas paisagens e por sua energia. A autora constata a existência de praticantes de atividades na natureza que depredam o meio ambiente. Ela explica que, embora estes sejam sensíveis a sua beleza e admirem esteticamente a natureza, eles não a amam, não se envolveram com ela, pois ainda não conseguiram se colocar no lugar dos outros seres e perceber o quão intrinsecamente as coisas estão interligadas, o quanto suas atitudes podem afetar os outros seres. Eles não se sentem parte de Gaia⁹.

A prática das atividades na natureza quando feita com amor, com sentimento, com respeito em relação à natureza e aos outros praticantes, facilitará reflexão e a tomada de consciência do quanto nossas atitudes podem prejudicar o equilíbrio do ambiente do qual somos parte integrante - mesmo que por muitos momentos esqueçamos disto. Desta forma, será possível minimizar os impactos negativos

causados por estas e maximizar os positivos, usufruindo ao máximo dos benefícios presentes nas atividades na natureza.

2. Educação ambiental: uma abordagem multifacetada

...estudo da sociedade em si, a ética, o respeito à vida, a responsabilidade, a honestidade, a amizade, a democracia. Todos esses princípios, na verdade, são apontados como a base que define a prática da educação ambiental. (Neiman, 2002, p.146)

Diversas são as definições existentes para educação ambiental. De maneira geral, todas apresentam como ponto comum a necessidade de uma abordagem integradora e holística dos problemas ambientais. Isto significa a superação da perspectiva ecológica biológica, caracterizada pela preocupação com a flora e fauna, o que geralmente acontece, e que representa uma visão reducionista do tema. A educação ambiental incorpora questões éticas, políticas, científicas, ambientais, sociais, econômicas, culturais e tecnológicas, propiciando ao ser humano não só a aquisição de co-

nhecimento, mas o desenvolvimento de valores e aptidões que o tornem capaz de agir individual e coletivamente em prol da preservação do equilíbrio ambiental. As relações entre o ser humano e seu meio ambiente são tratadas em busca do chamado desenvolvimento sustentável, ambiental e social, com a utilização equilibrada dos recursos naturais, sem a degradação do meio ambiente em prol do desenvolvimento econômico e sem o comprometimento das gerações futuras. O desenvolvimento econômico ficaria centrado não na produção, mas nas pessoas, sendo apropriado aos recursos, à cultura, à história e aos sistemas sociais existentes no local onde se desenvolve (Dias, 1998).

Os princípios norteadores da educação ambiental na busca de uma sociedade sustentável¹⁰ são diversos e, segundo a Conferência da ONU sobre Meio Ambiente e Desenvolvimento realizada no Rio de Janeiro em 1992, também conhecida como Rio-92, deve focar três grandes áreas: educação, conscientização e capacitação.

Na primeira área, privilegia-se o processo educacional fundamentado na educação para o desenvolvimento sustentável, enfo-

cando a aprendizagem de valores, de atitudes e de comportamentos que promovam a conscientização ambiental e a almejada sustentabilidade. Conforme Grün (1996, p. 19), a educação deve "...reorientar as premissas do agir humano em sua relação com o meio ambiente". Este reorientar atitudes e valores frente ao entorno que nos cerca é o grande desafio que se impõe para a educação. Sim, porque a tarefa da educação formal e da não formal, onde neste momento estão incluídas as atividades na natureza, não deve restringir-se à transmissão de conhecimentos, mas sim, ter como objetivo primordial a formação de cidadãos conscientes de suas responsabilidades e direitos. Para isto a educação deve abandonar as abordagens meramente informativas, muitas vezes desconectadas do contexto no qual os educandos estão inseridos, e optar por enfatizar assuntos presentes na cotidianidade da população, onde estas se percebam parte tanto da geração como da solução dos problemas. As vivências e a experimentação destacam-se nesta abordagem educacional, pois, por intermédio do impacto emocional contido nelas, desperta-se nas pessoas um sentimento de vínculo com o entorno, levando as mesmas a se motivarem e a participarem na busca de alternativas para os problemas ambientais presentes em seu cotidiano.

O segundo enfoque recomendado pela Rio-92, a conscientização, refere-se à necessária consciência social a respeito da interrelação entre as ações humanas e a problemática ambiental. O ser humano ainda se vê alheio, fora, desconectado de seu meio ambiente, e não integrante da teia da vida de que nos fala Capra (1996). A busca pela compreensão e domínio da natureza, a ânsia por um desenvolvimento irrefreável, a obtenção de alguns sucessos imediatos (e temporários?), o desenvolvimento tecnológico fundamentado na razão instrumental e inseqüente, onde se destaca a meta "ter" ao invés de "ser", colocou o ser humano numa falsa condição de superioridade em relação aos demais seres vivos e ao próprio mundo. A humanidade atinge o auge do antropocentrismo, no qual o ser humano é o centro e a razão de todas as coisas. Nesta perspectiva, o ambiente é percebido e analisado como um conjunto de objetos, tal qual o conjunto de peças de um relógio: frias, sem cheiro, sem vontade. Embora existam conexões entre as partes, cada peça do relógio trabalha separadamente, cada uma tem uma função específica, isolada. Caso alguma esteja com problema, basta consertá-la ou substituí-la por uma outra para que o relógio volte a fun-

cionar perfeitamente. O relógio não é visto como um todo, mas sim como um monte de peças reunidas que, uma vez colocadas em lugares certos, faz o relógio funcionar. Esta objetificação do mundo trouxe importantes avanços científicos, mas também ocasionou muitas perdas, como se percebe nas palavras de Oelschlaeger comentando Galileu:

Através do telescópio Galileu confirmou a hipótese copernicana. O que ele perdeu foi o campo de movimento da astronomia vista a olho nu, a relação da via láctea com o céu estrelado, e o movimento das jornadas de estrelas através do plano elíptico. E talvez em sua intensa concentração, ele tenha perdido também os sons, perfumes e cheiros da noite e a consciência de si mesmo como um homem que observa um esplêndido e misterioso espetáculo estelar. Galileu já não estava dentro da natureza, mas do lado de fora dela. Ele havia se tornado um "observador científico". A natureza era agora um simples objeto de indagação científica. (Oelschlaeger apud Grün, 1996, p. 30.)

É esta sensibilização, esta emoção perante a natureza que devemos recuperar em nossa sociedade na busca de uma melhor compreensão e conscientização das relações do indivíduo com o meio.

A terceira importante questão recomendada pela Rio-92, faz referência a necessária capacitação de agentes para trabalhar com educação ambiental, pois de nada adiantaria a consciência dos problemas a serem enfrentados e a maneira de abordá-los sem a existência de pessoas capacitadas para tal. Estes devem estar aptos a um trabalho interdisciplinar, que considere a complexidade e a multiplicidade dos fatores ligados ao meio ambiente.

A compreensão ampla da problemática ambiental e, conseqüentemente, da educação ambiental, evidencia múltiplas facetas que exigem a integração co-responsável das diferentes áreas do conhecimento com esta questão. É uma área de atuação e reflexão não só para as ciências biológicas, com as quais ela é comumente ligada, mas para a sociedade como um todo. Nesta perspectiva dialógica e co-responsável é que se dá a inserção da educação física neste estudo.

2.1 Mas afinal, educação ambiental para quê?

O homem primitivo vivia em igualdade com plantas e animais, ao contrário da sociedade pós-moderna atual, antropocentrista e mecanicista, o que de certa maneira explica a pouca degradação

ambiental que existia anteriormente para a situação alarmante que hoje vivemos. Nosso sistema de valores em um mundo capitalista e de consumismo desmedido tem exaurido o planeta. Até quando o meio ambiente irá suportar a emissão de gases nocivos na atmosfera, o despejo de poluentes nas águas, o desmatamento desenfreado, as desigualdades sociais e econômicas, a discriminação entre os povos, a violência? Faz-se necessário uma reordenação dos valores que regem a sociedade e uma reaproximação do homem com o ambiente do qual ele faz parte, e neste contexto a educação ambiental, com sua abordagem multifacetada dos problemas surge não só como uma alternativa, mas como uma necessidade.

Existe hoje uma crise ecológica em nossa sociedade, e o termo educação ambiental exemplifica esta crise. Se existe uma educação ambiental seria lógico pensarmos existir uma que não o seja, uma educação não ambiental, desvinculada do meio ambiente em que vivemos. Esta simples constatação de que houve a necessidade do surgimento de uma educação que considere o ambiente em sua proposta pedagó-

gica escancara a necessidade de mudança em nosso sistema educacional, configurado sobre uma ótica antropocêntrica, com o homem desvinculado de seu meio, superior a ele, onde "tudo se passa como se fôssemos educados e educássemos fora de um ambiente"(Grün, 1996, p. 21). A crise ecológica pode ser vista como uma crise dos valores e premissas da cultura ocidental, capitalista e de consumismo descabido, que torna insustentável nossa sobrevivência com o atual sistema de valores. Nessa busca, e porque não dizer necessidade, de desenvolver na sociedade valores, atitudes e comportamentos em consonância com seu ambiente, a educação exerce papel de destaque, pois é exatamente com isto que a educação trabalha no intuito de uma formação integral do ser humano¹¹.

Porém, nosso sistema educacional atual tem enraizado em suas propostas e abordagens pedagógicas o que Grün (1996) chama de ética antropocêntrica, baseada na autonomia do sujeito, no individualismo e no cartesianismo, da qual a educação deve se desvencilhar se quiser cumprir seu papel na formação de cidadãos com capacidade crí-

tica e de análise permanente perante os fatos. Deste modo a educação ambiental, com sua visão multifacetada, com sua proposição de ação interdisciplinar, e com sua perspectiva holística, se constituiria numa proposta globalizadora e transformadora das próprias bases da educação atual.

2.2 Ética e meio ambiente: paradigma cartesiano X paradigma sistêmico

Já foi destacada, anteriormente, a necessidade de uma reordenação de valores da sociedade em sua relação com o meio ambiente, pois do contrário nossa sociedade se tornará insustentável. Estes valores não são recentes e ainda permeiam nossa formação, nosso modo de compreender o mundo e interagir com o meio.

A ética antropocêntrica tem sido destacada como um dos pilares da atual crise ecológica. Nesta ética o homem é o centro de todas as coisas, tudo gira ao redor do homem e existe no mundo para sua utilização. Suas origens remontam a época do velho testamento e a idéia de que todos os seres foram criados para serem dominados pelo homem. Durante toda a Idade Média o ser humano foi colocado em uma posição de subserviência, tan-

to a Deus quanto à natureza, e este começa a dar sinais de sua insatisfação na época renascentista. Esta insatisfação apresenta-se em múltiplas formas: na religião, na política, nas artes e na filosofia(Grün, 1996), que passam a ter no indivíduo seu tema central. Todo o contexto que se forma cria as bases para que René Descartes forme suas teorias, sobre as quais se baseia o conhecimento científico subsequente. A razão é o foco central das teorias de Descartes, e através dela tudo pode ser entendido. O homem coloca-se fora da natureza para poder compreendê-la, analisá-la e dominá-la, e esta é transformada em um objeto de análise. Ocorre, portanto, uma cisão radical entre o homem e a natureza, que é o cerne de nossa crise ambiental.

Sobre esta ética antropocêntrica apóia-se o paradigma mecanicista, cartesiano, racionalista e reducionista, que norteia o conhecimento científico e que deve ser rompido. Este paradigma impossibilita a prática de uma educação ambiental que deseja reaproximar o homem de seu meio, integrá-lo novamente a natureza e sensibilizá-lo para que tenha atitudes de respeito para com seu entorno. Nele o meio ambiente é frio, sem cor, sem cheiro, distante. Há necessidade do surgimento de um novo paradigma sobre o qual a educação ambiental

possa se apoiar: o paradigma sistêmico.

2.2.1 Paradigma Sistêmico

O poder do pensamento abstrato nos tem levado a tratar o meio ambiente natural – a teia da vida – como se ele consistisse em partes separadas, a serem exploradas comercialmente, em benefício próprio, por diferentes grupos. Além disso, estendemos essa visão fragmentada à nossa sociedade humana, dividindo-a em outras tantas nações, raças, grupos religiosos e políticos. A crença segundo a qual todos esses fragmentos – em nós mesmos, no nosso meio ambiente e na sociedade – são realmente separados alienou-nos da natureza e de nossos companheiros humanos, e, dessa maneira, nos diminuiu. Para recuperar nossa plena humanidade, temos de recuperar nossa experiência de conexão com toda a teia da vida. Essa reconexão, ou religação, religio em latim, é a própria essência do alicerçamento espiritual da ecologia profunda¹². (Capra, 1996, p. 230)

As palavras do físico Fritjof Capra, um dos grandes defensores e divulgadores das idéias do paradigma sistêmico, também chamado de ecológico, ilustram bem os problemas que temos enfrentado e a filosofia deste paradigma que vem se desenvolvendo. Podemos dizer que seu foco central é uma abordagem diferente das questões, uma percepção diferente do mundo, onde todas as coisas e seres estão interligados, interconectados, como uma grande teia, que Capra chama de teia da vida. Nesta nova concepção do mundo e de suas interações nossas atitudes e comportamentos passam a ser vistos como influenciadas e influenciadoras do meio que nos cerca. Tudo que fazemos, de alguma maneira, influencia os demais seres, pois tudo está interligado, mesmo que não percebamos isto. O paradigma sistêmico, ao contrário do mecanicista, onde a compreensão do mundo se dá de forma fragmentada, em partes, desconectado do contexto e do meio, procura entender um fenômeno analisando-o dentro de um contexto maior, com suas relações e influências.

2.2.2 Percepções/sensibilização/emoção com relação ao ambiente

Segundo Capra (1996), a percepção ecológica do mundo e o nosso comportamento não teriam uma conexão lógica, mas psicológica, de percepção. Mesmo sabendo – lógica - que fazemos parte de uma rede de ligações não mudamos nossas atitudes. O que nos leva à mudança é nos sentirmos parte da teia da vida. A mudança de percepção está ligada a nossa subjetividade, as nossas vivências, a emoção, conceitos subjetivos negados pelo racionalismo. A relação entre emoção e ação tem sido defendida por diversos autores (Costa, 2000; Gutiérrez, 2000; Neiman, 2002). Segundo estes autores é a emoção, a afetividade, o sentimento de vínculo com o ambiente que nos leva a agir em prol do mesmo, e não a racionalidade. O simples conhecimento dos problemas ambientais não leva as pessoas a mudarem suas atitudes e comportamentos, pois se assim fosse uma educação ambiental meramente informativa, que já se mostrou ineficaz, seria suficiente para nossas mudanças.

Companheiros de cordada¹³

O trabalho de campo foi realizado com um grupo de coleta de informações composto por 6 praticantes de montanhismo frequentadores de uma academia da cidade de Porto Alegre, os quais foram acompanhados em suas atividades na academia e na montanha. Este acompanhamento teve como finalidade observar e descrever a existência, a modificação e o desenvolvimento de atitudes, valores e comportamentos consoantes com a prática de educação ambiental nos integrantes do grupo de informantes. A inserção do pesquisador e a sua aceitação por parte dos montanhistas foi uma preocupação no desenvolver deste trabalho, pois a imagem inicial de uma pessoa estranha, de pesquisador, deveria ser modificada de modo a deixar os futuros integrantes do grupo pesquisa agindo naturalmente, com espontaneidade. O período da pesquisa também foi um período de prática regular da modalidade e de convivência do pesquisador com o grupo de praticantes. Esta vivência possibilitou a observação e o testemunho das interações, das falas,

das manifestações dos sentimentos e das aspirações dos integrantes, facilitando o desenvolvimento deste estudo.

As informações obtidas através dos instrumentos de coleta de dados evidenciaram uma significativa aproximação entre a prática do montanhismo e as aprendizagens relativas à educação ambiental.

Dentre os aspectos verificados através dos instrumentos estão a integração¹⁴ e a socialização¹⁵. Foi interessante perceber, na academia, que a maioria dos componentes do grupo pesquisa chegava mais cedo às sessões, e algumas vezes permanecia após a mesma, no intuito de ficar conversando com os outros escaladores presentes. Em algumas observações, o montanhista dirigiu-se à academia apenas para conversar com os demais, sem a intenção de treinar, falando sobre o final de semana, sobre técnicas de escalada, brincando com os demais alunos, etc. A interação entre os alunos durante a sessão é grande, e não fica restrita às duplas que se formam para a realização das sessões. Esta interação ocorreu inclusive com alu-

nos iniciantes, perante os quais os mais experientes procuravam orientar quanto às técnicas de escalada. A academia acabava por tornar-se um ponto de encontro, um local de integração e socialização entre as pessoas, que iam até a mesma para treinar, conversar, brincar, relatar sobre o final de semana passado e combinar o que fazer no próximo.

Durante as atividades na montanha também foram observados muitos momentos de socialização e integração. Estes momentos ocorriam entre os companheiros que estavam escalando juntos, por intermédio de brincadeiras, sorrisos, elogios e palavras de incentivo; também aconteciam com outros montanhistas que aparecessem, independente de já serem conhecidos ou não.

Esta socialização e integração, além de serem motivos relatados nas entrevistas que levam as pessoas à prática do montanhismo, oportunizam vivências e trocas de experiências entre seus participantes, geram reflexões, debates, acabando por transformarem-se em um ambiente riquíssimo de

aprendizagens. Em uma ocasião foi possível observar claramente esta riqueza temática. Ao chegarmos no topo da montanha, encontramos outros dois escaladores e, depois de alguma conversa, surgiram assuntos como: lixo, turismo em parques nacionais, consciência ambiental entre outros. Imagine, após uma atividade prazerosa como a de escalar surgirem assuntos tão interessantes como estes. Foi maravilhoso! Quantas possibilidades de aprendizagem surgiram naquele momento. Estas aconteceram em um momento de descanso, e não durante a prática propriamente dita do montanhismo. As paradas permitem momentos de contemplação, de diálogo, de sensibilização para as questões ambientais mais abrangentes, de efetivas aprendizagens sobre o meio e sobre si mesmo.

Pode-se perceber aqui contribuições proporcionadas pelo montanhismo para a educação ambiental que, segundo Neiman(2002), são princípios que definem sua prática: a socialização, a amizade e a integração. Sim, porque a partir de amizades, da preocupação consigo e com o outro passamos a nos preocupar também com os demais seres e com nosso mundo, nos-

sa casa, o planeta Terra. Pois se não valorizo e não tenho preocupação nem comigo mesmo não há como me preocupar com os demais.

Integração, socialização, camaradagem e amizade são alguns dos benefícios das atividades na natureza citados por Miranda, Lacasa e Muro(1995)¹⁶, e que condizem com um trabalho educacional que englobe as ecologias citadas por Guattari(1997) - neste exemplo específico a ecologia social e da subjetividade humana.

Outras mudanças aparentes foram referentes ao bem estar geral dos praticantes, percebidas por indicadores físicos e sociais como humor, disposição e motivação, que variavam antes e após as sessões de treino na academia e as atividades na montanha. Percebi que alguns componentes do grupo de informantes modificavam seus comportamentos durante as sessões e terminavam as mesmas alegres, dispostos e bem humorados, apesar de chegarem na academia aparentando semblante caracterizado por certa preocupação, tristeza e seriedade. Acredito que esta mudança deve-se ao fato dos benefícios proporcionados pela atividade física em si e ao ambiente descontraído e informal encontrado na academia.

A sensibilização frente ao meio e à variedade de sensações proporcionadas pelo montanhismo foram outros aspectos verificados. Esta sensibilização é importante para o desenvolvimento da ética ecológica, para a necessária reordenação de valores com vistas a construção de um mundo sustentável, não centrado no ser humano. São a percepção de nossa interdependência com os demais seres e a sensibilização que nos levarão a agir. Não basta sermos racionais, sabermos que devemos modificar nossos comportamentos para que assim o façamos, mas sim sentirmos e percebermos a necessidade e a importância desta mudança. Porém, apesar da percepção da necessidade de alteração do comportamento, que é fruto de nossos valores e atitudes, isto nem sempre é possível pelo desconhecimento de como agir, do que fazer em relação aos problemas verificados. A simples existência da necessidade de sensibilizar as pessoas quanto a suas ações perante o meio não garante uma mudança positiva de comportamento. Sim, é ela que nos leva a agir, a fazer, a modificar, mas também é preciso saber como se comportar. Para isto é necessário aliar conhecimento e informação à sensibilização.

Verificou-se também que o montanhismo, ao apresentar situa-

ções de risco e incerteza para seus praticantes, acaba por desenvolver nos mesmos uma melhora na autoestima, na perseverança, na superação, na confiança em si mesmo, etc. Destacando a importância das vivências ocorridas nas atividades na natureza para o desenvolvimento de condutas éticas em seus praticantes Costa (2000, p. 103), afirma que "é possível que a prática do exercício de autocontrole a que são submetidos ao longo das atividades os leve a ver a vida sob outros aspectos, mais harmoniosos, fazendo com que adotem condutas mais equilibradas".

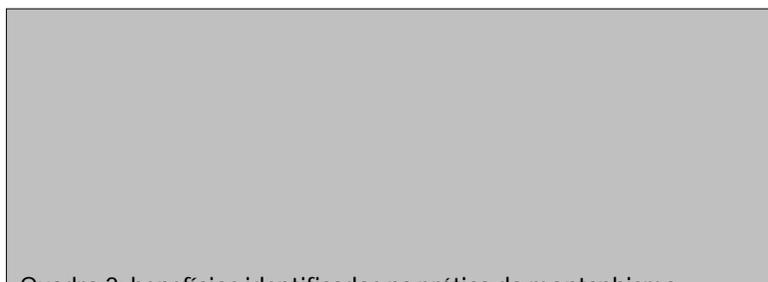
Considerações finais

A educação ambiental é um campo de estudo relativamente novo, e que surgiu no intuito de compreender melhor a relação homem/sociedade/ambiente e buscar alternativas para um desenvolvimento sustentável. Para isto, dentro de um paradigma sistêmico e interdisciplinar, deve trabalhar com a formação, o desenvolvimento e a solidificação nos seres humanos de atitudes, comportamentos e valores que englobem as três ecologias de que nos fala Guattari(1997): social, do meio ambiente e da subjetividade humana. Estas ecologias devem ser contempladas porque, ao mesmo tempo em que o homem não

pode agir e pensar somente antropocentricamente e egocentricamente, pois ele está inserido em uma sociedade e em um ambiente, ele também não pode esquecer que cada um é um ser único, individual, com características, anseios, sonhos e desejos. O que deve ser buscado é o equilíbrio entre o individual e o coletivo; o respeito a si, aos demais homens e a todas as formas de vida. O cartesianismo, ao colocar o homem como centro de todas as coisas e reduzir a natureza a um simples objeto de estudo, valorizando demasiadamente a autonomia e o individualismo, não permite este equilíbrio. Por isto torna-se necessário o rompimento destes valores.

Os praticantes de montanhismo, conforme mostrado na análise dos dados, apresentam posturas éticas condizentes com a prática de

educação ambiental, e o montanhismo, como atividade na natureza, educa ambientalmente. Aspectos levantados por intermédio da bibliografia e dos instrumentos de coleta de dados como a socialização, a integração, a superação, a sensibilização frente ao ambiente, a preocupação com o lixo, com o outro e com a degradação do meio, entre outros, demonstram isto. Inspirado nos estudos de Miranda, Lacasa e Muro(1995), são apresentados no quadro 2 os benefícios proporcionados pelo montanhismo, verificados nas atitudes, comportamentos e valores dos montanhistas. Estes estão organizados, por questões didáticas, em 3 dimensões (psicológica, social e educativa), pois entendemos que estes benefícios no desenvolvimento humano acontecem dinamicamente, interrelacionando-se.



Quadro 2: benefícios identificados na prática do montanhismo

Estas atitudes verificadas não eram lineares entre os praticantes, variando conforme as experiências de cada montanhista e os objetivos que estes possuíam com a prá-

tica do montanhismo. As diferenças verificadas levantam a questão da importância das vivências individuais para a formação de atitudes e valores, e as possibilidades das ati-

vidades na natureza, como práticas vivenciais que são, de contribuir para a formação integral do homem.

A percepção de nossa posição no mundo, de nossas interligações com os demais seres e da influência dos nossos comportamentos na teia da vida, existente no planeta, são necessárias para a formação de cidadãos conscientes. Esta percepção não se desenvolve por intermédio apenas da troca de informações e do conhecimento, que são importantes, mas não suficientes. Desenvolve-se por intermédio de vivências, dos sentidos, da emoção e da sensibilização. É a emoção que nos leva a agir, a ter atitudes, e não a razão (Costa, 2000; Gutiérrez, 2000; Neiman, 2002). O que devemos almejar é o equilíbrio entre o conhecimento/informação e a emoção/sensibilidade, para que possamos saber o que fazer e tenhamos a vontade de realizar, de agir, de mudar. Atividades desenvolvidas junto ao meio natural que almejem educar ambientalmente devem possuir este equilíbrio, e para isto se faz necessário um planejamento prévio que considere a dimensão multidisciplinar e as possibilidades de ações interdisciplinares – e porque não transdisciplinares – do tema. Condições de saúde, condicionamento físico e psicológico, segurança, meteorologia e geografia do local, dentre outros aspectos, devem ser considerados durante o planeja-

mento. Faz-se necessário também, conforme verificado neste estudo, a previsão de momentos de recuperação do organismo, além do físico, para que estes propiciem ocasiões de contemplação, de integração, de diálogo entre os praticantes das atividades, pois são nestes momentos que ocorre a sensibilização perante as questões ambientais. Acreditamos que estes momentos de sensibilização sejam os melhores para um diálogo informativo quanto a atitudes, comportamentos e valores condizentes com uma ética ecológica.

A integração com a natureza, a percepção do ambiente existente no entorno e a sensibilização perante este meio foram observados nos montanhistas participantes deste trabalho. A interação, a troca, o respeito, enfim, a relação que se estabelece entre o montanhista e a montanha é rica em sensações e experiências. O montanhista deve aprender a analisar e a respeitar as condições meteorológicas, a estar preparado para mudanças e imprevistos, a conhecer suas limitações e qualidades bem como a de seus companheiros na montanha. Isto aproxima o praticante de montanhismo de si mesmo, das pessoas e da natureza, influenciando seu modo de ser e agir, não somente na montanha, mas no seu cotidiano, no seu ambiente de trabalho, em sua casa.

As vivências oportunizadas pelo montanhismo, porém, não são iguais em todas as suas modalidades. Este estudo verificou a existência de diferenças entre a prática da escalada esportiva e da tradicional quanto aos objetivos dos praticantes e às sensações oportunizadas pelas mesmas. Na escalada esportiva, como o próprio nome já diz, a atividade torna-se um esporte, uma malhação, onde a pessoa busca um desempenho mais atlético e estético, e o local onde esta é realizada – no caso a montanha – é algo secundário na atividade, bem como a interação entre seus praticantes. A escalada tradicional, realizada em montanhas maiores, que necessitam de uma maior quantidade de equipamentos e uma maior interação entre os escaladores para sua prática, oportuniza um envolvimento maior das pessoas com o ambiente e com os demais praticantes, sendo mais rica em sensações e experiências. Deste modo, para a prática de educação ambiental a escalada tradicional seria a mais adequada e a mais rica em possibilidades de atuação em comparação a esportiva.

Fica a dúvida, aqui, se há possibilidade de um fazer pedagógico para o profissional de educação física que desconsidere a relevância de abordagens multidis-ciplinares e interdisci-plinares. Acreditamos no grande potencial existente nas ativi-

dades na natureza de maneira geral, e não somente no montanhismo, para o desenvolvimento de práticas de educação ambiental que englobem as três ecologias de Guattari – social, do meio ambiente e da subjetividade humana – e que sejam multidis-ciplinares. Educação ambiental que se tornou não uma alternativa na busca do desenvolvimento sustentável e da sobrevivência da vida na Terra, mas uma necessidade para o desenvolvimento de uma ética ecológica e não antropocêntrica que faça o ser humano perceber e não esquecer o que nos diz as sábias palavras de Edgar Morin: “Procedemos da Terra, somos da Terra, estamos na Terra. Pertencemos à Terra que nos pertence”.

Referências

- ALVES, Ana Clarice Rodrigues. Montanhismo, Rafting e Treking na perspectiva da Educação Física. São Leopoldo: Unisinos, 2002. Trabalho de Conclusão de Curso – Centro de Ciências da Saúde, Universidade do Vale do Rio dos Sinos, 2002.
- APUNTS: EDUCACIÓN FÍSICA E DEPORTES. Dossier: Las actividades físicas de aventura en la naturaleza – análisis sociocultural. Barcelona, nº 41, julio 1995.
- BETRÁN, Javier Olivera; BETRÁN,

- Alberto Olivera. *Actividades Físicas en la naturaleza: un objeto a investigar. Dimensiones científicas*. Apunts: Educación Física e Deportes. Barcelona, nº 41, p. 10-29, julio 1995.
- BOUDON, Raymond; BOURRICAUD, François. *Dicionário Crítico de Sociologia*. São Paulo: Ática, 1993.
- CAPRA, Fritjof. *A Teia da Vida*. São Paulo: Cultrix, 1996.
- CARVALHO, Isabel Cristina de Moura. *A Invenção Ecológica: Narrativas e trajetórias da educação ambiental no Brasil*. 2 ed. Porto Alegre: UFRGS, 2002.
- CASTILLO, David; FAJARDO, Xavier; FUNOLLET, David. *Necesidad de una educación ambiental integrada en la práctica de la actividad deportiva en el medio natural*. Apunts: Educación Física e Deportes. Barcelona, nº 41, p. 76-79, julio 1995.
- COSTA, Vera Lucia de Menezes. *Esportes de Aventura e Risco na Montanha: Um Mergulho no Imaginário*. São Paulo: Manole, 2000.
- DELORS, Jaques et al. *Educação: um tesouro a descobrir. Relatório para a Unesco da Comissão Internacional sobre educação para o séc. XXI*. 5 ed. São Paulo: Cortez, 2001.
- DIAS, Genebaldo Freire. *Educação Ambiental: Princípios e Práticas*. 5 ed. São Paulo: Gaia, 1998.
- DÍAZ, Alberto Pardo. *Educação Ambiental como projeto*. 2 ed. Porto Alegre: Artmed, 2002.
- DORON, Roland, PAROT, Françoise. *Dicionário de Psicologia*. São Paulo: Ática, 1998.
- FUNOLLET, Feliu. *Las actividades en la naturaleza: orígenes y perspectivas de futuro*. Apunts: Educación Física e Deportes. Barcelona, nº 18, p. 2-5, dezembro 1989.
- GRÜN, Mauro. *Ética e Educação Ambiental: a Conexão Necessária*. 6 ed. Campinas: Papyrus, 1996.
- GUATTARI, Félix. *As Três Ecologias*. 6 ed. Campinas: Papyrus, 1997.
- GUTIÉRREZ, Francisco. *Ecopedagogia e Cidadania Planetária*. 2 ed. São Paulo: Cortez, 2000.
- KINKER, Sônia. *Ecoturismo e conservação da natureza em parques nacionais*. Campinas: Papyrus, 2002.
- LUTZEMBERGER, José. *Gaia: O Planeta Vivo (por um caminho suave)*. Porto Alegre: LPM, 1990.
- NEIMAN, Zysman(org.). *Meio Ambiente, Educação e Ecoturismo*. Barueri: Manole, 2002.
- PUEYO, Alfredo Boné. *Educación Física y Entorno Natural*. Apunts: Educación Física e Deportes. Barcelona, nº 18, p. 52-62, dezembro 1989.
- RESENDE JR., Orlei S. de. *Manual de Escalada em Rocha*. Porto Alegre: [s.ed.], 1999.

SANTOS, Suzana. Desafios dos esportes e atividades físicas ecoturísticas para o educador físico no RS. Ciência em Movimento Questões Regionais, Porto Alegre. Ano IV, n.º. 7, p. 84-88, 1º semestre. 2002.

TUBINO, Manoel José Gomes. Dimensões Sociais do Esporte. 2 ed. São Paulo: Cortez, 2001.

Endereço: Rua Engenheiro Walter Boehl
505/302

Bairro: Vila Ipiranga

Cidade: Porto Alegre-RS

CEP: 91360-090

Telefone: (51) 3347-5062/995852-70

e-mail: gbetiollo@hotmail.com

Recebido em: março/2004

Aprovado em: maio/2004